

Memória Gasparense

*Nossas Comunidades
Anotações do Passado
(Conteúdos Didáticos)*

Ano I

Número 3

outubro/1992

Apresentação

Memória Gasparense número três, vem preencher uma lacuna existente entre os conteúdos ministrados nas escolas da área rural de Gaspar, onde os aspectos relacionados com o passado das comunidades é trabalhado de forma superficial, pela maioria dos professores que não possuem fonte de informação acessível para instruírem-se sobre este assunto.

Diante desta necessidade, algumas pessoas de cada comunidade foram ouvidas, outros documentos foram consultados. Certas leituras enriqueceram um pouco e numa atitude ousada, escrevemos este conjunto de memórias recolhidas entre pessoas idôneas de nosso município, com o único objetivo de iniciar o processo de interesse pela preservação e valorização da memória do povo Gasparense.

Gostaria de esclarecer que estes relatos não têm o valor científico de uma pesquisa documental, tendo em vista a falta de identificação das múltiplas fontes consultadas e que foram suprimidas a fim de tornarem o texto mais acessível aos alunos de 1^a a 4^a série do primeiro grau.

Esta é, portanto uma edição auxiliar ao treinamento que faremos com os professores das escolas da área rural de nosso município.

Gaspar, setembro de 1992.

Leda M. Baptista.

Pocinho e Poço Grande

Estas terras situadas na margem direita do rio Itajaí-Açu pertenceram durante muito tempo ao Coronel José Henrique Flôres, proprietário de grandes extensões de terras na região do Rio Itajaí-Açu desde 1835.

Sua casa de moradia ficava próxima à foz do ribeirão das Canas. Em sua fazenda, cultivava-se principalmente o café com o emprego de mão-de-obra escrava. Extraía-se madeira e ouro na região, hoje denominada Minas (divisa com Ilhota).

Nesta grande fazenda, havia a casa grande, onde morava o proprietário e sua família; a senzala, onde viviam os escravos. Havia também serraria movida à água represada do ribeirão das Canas que formava uma grande lagoa desde a região próxima à foz deste ribeirão, até as imediações da atual Capela Sto. Agostinho em Poço Grande Fundos. Em volta desta e de outras lagoas de Poço Grande e Pocinho, era comum encontrar bandos de capivaras pastando ao amanhecer. As pessoas de poucas posses costumavam caçar as capivaras para comer sua carne e extrair o óleo destes animais que era vendido aos boticários que o transformavam em medicamentos.

Nesta região de Poço Grande e Pocinho é comum encontrar-se sobre os morros arredondados, pés de café misturados às árvores dos capoeiros, o que comprova a existência de cafezais, no passado.

Há também sobre o morro próximo ao rio, onde o Sr. João Spengler construiu sua casa na 1ª metade deste século, restos do que foi a eira para secagem do café da fazenda José Henrique Flôres. Atrás deste mesmo morro, há sinais de que ali o café era pilado, pois o solo é muito fértil, possivelmente pelo fato de conter muitos restos de cascas de café.

Pesquisando-se esta área, encontram-se muitos caminhos antigos e que serviam, no passado, para transportar as toras de madeira para serraria, o trabalho nos cafezais e nas minas de ouro.

Nos fundos do terreno onde havia a casa grande de Flôres, existiu um grande pomar, com espécies de frutas nativas do sudeste e nordeste do Brasil, bem como uma pedraira de onde se retiravam as pedras para construção de barragens e outros empreendimentos.

José Henrique Flôres teve vários filhos: Tomáz, Raimundo, Carlota, Maria, José Henrique Flôres Filho, que foi o 1º Presidente da Câmara de Blumenau e Adelaide (patronesse da usina de açúcar de Pedra de Amolar), casada com Marcos Konder, patriarca da família Konder em Santa Catarina e pais de Marieta Konder, esposa de Irineu Bornhausen.

Por volta de 1860 chegaram famílias de origem alemã vindas de São Pedro de Alcântara, entre elas: Haendchem, Schmitt, Reinerth, Spengler e outras. Anos mais tarde, os Zimmermann da região de Gasparinho Baixo e proximidades adquiriram parte das terras da fazenda Flôres que atualmente é dividida em muitas propriedades pequenas.

Poço Grande e Pocinho foram palco de muito trabalho agrícola, baseado na plantação de cana e fabrico de açúcar e cachaça, tendo em vista a excelência do solo, a presença de mão-de-obra especializada nesta cultura, vinda de S. Pedro de Alcântara e a facilidade para o transporte da cana através do Rio.

Durante grande parte do tempo, no século passado e neste, a região de Pocinho e Poço Grande era identificada pela pujança econômica e social.

As famílias pagavam professor particular que ensinava aos jovens a leitura e a escrita em língua Portuguesa e Alemã, além de Conhecimentos Gerais e de Matemática. Anos mais tarde, a Comunidade construiu uma "casa de escola" sobre as terras de Pedro Schmitt (Sr.) e os padres da Paróquia São Pedro Apóstolo administravam a escola, a exemplo do que era ensinado na Escola Paroquial do centro da Freguesia.

A qualidade de vida dos proprietários de Pocinho e Poço Grande era das melhores do país. Havia muita fartura de alimentos e as safras eram abundantes. As

famílias possuíam casas grandes de alvenaria, muito bem construídas. Os móveis fabricados com esmero e por profissionais famosos da região. Possuíam roupas finas, louças e adornos importados da Europa. Os jovens, quando adolescentes, eram internos nos colégios de Blumenau: moças no Colégio Sagrada Família, das irmãs e os moços, no Colégio Santo Antônio, dos padres. Algumas famílias possuíam troles de excelente qualidade. Os homens tinham participação ativa na política de Gaspar, Blumenau e Itajaí. As mulheres eram prendadas, sabiam bordar, pintar e fazer pratos sofisticados na cozinha. Mantinham-se contatos sociais de bom nível entre as famílias.

A criação do gado leiteiro e de corte intensificou-se com a produção de cana, cujas pontas consistem em excelente alimento aos animais. Por isso, as pastagens também expandiram-se fazendo com que os transeuntes das estradas tivessem que abrir várias porteiras entre a sede da Freguesia e Ilhota.

Vários portos recebiam embarcações de Itajaí e de Blumenau. Traziam mercadorias e levavam produtos coloniais. Na maior parte das propriedades havia um grande rancho de madeira que abrigava os engenhos de açúcar, cachaça e farinha, carroças, trole, ferramentas, barricas de açúcar, tonéis de aguardente, paióis de farinha, milho, eira para café, feijão, amendoim, etc.

Os preceitos da igreja católica eram seguidos com esmero pela população que tinha com os padres e a igreja, uma relação muito forte.

Em 1925 Leopoldo João Zimmermann, instalou transformador de energia elétrica em sua propriedade no Pocinho (próximo à atual Rua da Conceição), a partir daí, seus engenhos passaram a ser movidos por energia elétrica.

Tempos depois, a rede de energia elétrica alcançou a propriedade de seu genro Carlos Adão Spengler e daí, margeando a estrada (subindo o rio) até chegar a ligar-se com a rede que partia da Freguesia, descendo o rio.

Em 1929 instalou a indústria de beneficiamento de arroz em Pocinho.

Com a instalação da usina de açúcar e álcool em Gaspar, pelo industrial Eurico Fontes, a movimentação de carroças, caminhões, lanchas transportando a cana era muito intensa, chegando a modificar os hábitos da população local.

Por volta de 1930-35 os canaviais foram atacados por baratas que quase os dizimaram. Anos, depois, esta praga foi dominada.

Na década de 1950, o asfaltamento da rodovia Jorge Lacerda, o aperfeiçoamento dos meios de transporte, bem como a expansão industrial em Blumenau e região, modificaram radicalmente a realidade social e econômica de Pocinho e Poço Grande, fazendo com que atualmente a população destas localidades tenham vida urbana, em sua grande maioria.

Fundos Poço Grande

Fundos Poço Grande tem sua história ligada à fazenda do Cel. José Henrique Flôres, que mais tarde foi vendida a descendentes de alemães, principalmente os Schmitt, Schramm e Zimmermann. Esta área, mais próxima ao Rio Itajaí-Açú, foi inicialmente explorada possivelmente por Flôres, para plantio de mandioca, cana e café. Outra área grande que compreende o vale que se estende desde a atual escola Augusto Schramm até a foz do Ribeirão das Canas, constituiu, no passado um grande reservatório de água represada com a finalidade de movimentar uma serraria nas terras de Flôres.

A área situada mais ao fundo, próxima à Brilhante (Itajaí) e Óleo Grande constituía a fazenda de João Cardoso que inicialmente, explorou madeira balseada através de ribeirões até o estaleiro de "Antônio Ramos", em Itajaí. João Cardoso trabalhou também com agricultura. Seus herdeiros montaram olaria e plantação de arroz nos brejos. Com o passar dos anos, as terras foram sendo divididas e outras famílias passaram a explorá-la principalmente com plantação de mandioca.

Entre estas famílias, encontramos os Pereira, Maes, Ferreira, Miranda, Luz, Américo, Censi, Berti, Reinerth, Roncaglio, Merlo e outras.

Durante muitas décadas não houve escolas. Alguns iam à escola em Sta. Luzia (Itajai). A juventude divertia-se muito: Cantava, tocava viola, inventava versos, etc.

No início deste século, o uso de farinha, feijão e peixe seco na alimentação era quase diário. Outro costume desta época consistia em assar na brasa da fôrnalha de engenho de farinha, pedaços de peixe seco no espeto.

A produção de farinha, açúcar e outros produtos era levada com carros de bois, através de picadas até o depósito de João Olinger em Óleo Grande. Rafael Berti era um comerciante que fornecia gêneros aos moradores e estes pagavam na época das safras.

Por volta de 1940, Antônio Pereira, Martinho, João e José Ferreira, Eugênio Miranda, Pedro Laurentino Luz, Amaro Pereira, Antônio Roncaglio e outros abriram as picadas e fizeram a estrada entre a estrada Barracão-Ilhota e a estrada Municipal de Gaspar que chegava até as terras de Augusto Schramm.

Também neste época (1940) funcionavam duas serrarias em Fundos Poço Grande: Uma da família Berti e outra de Augusto Schramm.

Atualmente, a Capela Sto. Agostinho e a escola Augusto Schramm, centralizam a atenção da comunidade que muito deve aos pioneiros pelo espírito de trabalho e religiosidade que ainda hoje é vivido neste lugar.

Óleo Grande

As terras do atual Óleo Grande, estão ligadas ao fazendeiro José Quintino, natural de Terra Nova Tijuca. Este, ainda solteiro, adquiriu, em meados do Séc. XIX, grande extensão de terras à margem esquerda do Rio Itajai-Mirim. É provável que quando José adquiriu as terras, já havia nesta região exploração de madeira. Aqui, casou-se com a imigrante italiana Paula Andrietti, construiu casa grande enxaimel, engenho de farinha, açúcar e de serrar, movidos à água. Grande criador de gado, é provável que tenha mantido em sua propriedade, armazém de mercadorias para suprir as necessidades de seus vizinhos e de sua fazenda.

Na propriedade de José Quintino, o trabalho agrícola, com o gado e com extração e serragem de madeira era mantido com mão-de-obra escrava, em número, significativamente grande.

Outro grande proprietário de que se tem notícia era da família Novaes. Este requereu 500 braças quadradas de terras na região do Barracão, para os lados de Óleo Grande. Ali construiu grande rancho para o engenho de farinha, onde os imigrantes italianos foram abrigados até que o barracão para os imigrantes ficasse pronto.

Com a chegada de muitos imigrantes nas terras marginais ao Rio Itajai-Mirim, realizou-se o serviço de demarcação das terras, oportunidade em que o alemão João Olinger juntou-se aos agrimensores requerendo, na época, grande extensão de terras em Óleo Grande onde se trabalhava com madeira, gado e farinha.

Próximo às terras de Olinger, os italianos Guarino e Ernesto Censi produziam arroz, mandioca, farinha, cachaça e algum gado. Do lado de cima do Olinger, os Bendini, Benassi, Maraschi, Andrietti e outros.

Segundo alguns, nunca se viu outro lugar onde a mandioca fosse tão produtiva como em Óleo Grande.

Até meados deste século, os caminhos para Óleo Grande era nos brejos estivados com casqueiros, coqueiros, entre os pastos. Na passagem de um pasto para outro, havia as porteiras que eram numerosas, dificultando ainda mais o trânsito já difícil. Não havia escolas, algumas crianças de famílias mais abastadas, hospedavam-se no Barracão para frequentar a escola. Diversão, só em Barracão. Nas casas de família jogavam-se cartas, dominó, realizavam-se bailes e domingueiras animadas por tocadores de gaita e viola.

Razão do Nome

Nas terras de Quintino, havia muita madeira, entre elas, uma grande árvore do tipo óleo. Amadiu Beduschi adquiriu parte das terras de Quintino e instalou próximo ao Óleo Grande, uma serraria movida à água represada em lagoas. Esta árvore foi uma das primeiras madeiras serradas nesta serraria. Mais tarde, Amadiu vendeu suas terras a João Bendini e este para a Artex empreender reflorestamento. A árvore era tão grande que, até hoje, toda a região onde ela estava situada recebe sua denominação.

Arraial dos Claudinos – Desvio Estrada de Brusque e Rua Brusque

As terras que hoje formam a chamada Rua Brusque ou Bairro Sta. Terezinha, foram adquiridas na década de 1860 pelas famílias de Adão Schmitt e Carlos Procópio Hoeschl (pai de D. Mimi Hoeschl). É provável que já nesta época, essas terras já fossem exploradas, isto é, desmatadas e até cultivadas pelos primeiros moradores de Gaspar.

Com o passar dos anos foram divididas e ocupadas por muitas outras pessoas que, a princípio, viviam de agricultura e pecuária.

Devido a proximidade com a Freguesia, as propriedades foram se subdividindo, fazendo com que sua população passasse a ter sua vida ligada à economia urbana, ou seja, ao comércio, aos serviços e à indústria que se desenvolvia no centro da Freguesia.

Entre os proprietários antigos destas terras constam: os Wehmuth, Soar, Silva, Casas, de Souza, Vieira, dos Santos, Gonçalves, Miliana, Sabel, Amâncio e tantas outras.

Com o processo de urbanização da área, os antigos recantos chamados de "Callado" que se referiam a um córrego silencioso e "Campina", lugar pouco acidentado, coberto de ervas próprio para o gado, passaram a ter outros nomes, como estrada para Brusque e Rua das Cuias.

A localidade denominada Desvio Estrada de Brusque, tem sua colonização ligada aos descendentes de alemães vindos de São Pedro de Alcântara, notadamente a pessoa de Miguel Schmitt, que veio para Gaspar na década de 1870 seguindo o exemplo de seus dois irmãos: Pedro estabelecido em Poço Grande e Adão, na atual Rua São José.

A princípio, o casal Miguel Schmitt e Ana Reinert moravam em uma casa feita com ripas de palmeiras.

Em 1881, a família já morava em uma bem construída casa enxaimel.

Na grande propriedade, plantava-se muita cana. Fabricava-se muito açúcar mascavo e cachaça. Criavam também muito gado leiteiro. Nestes serviços empregava-se mão-de-obra familiar e também de trabalhadores meeiros e de jornal, isto é, diaristas.

A família Schmitt muito contribuiu para o engrandecimento da igreja católica em Gaspar. Vários filhos seguiram a vida religiosa. Houve a contribuição material dada à construção da igreja e outras edificações. A madeira da cobertura de nossa Matriz em sua grande parte é oriunda da propriedade de Miguel Schmitt.

A vida social e escolar de Desvio Estrada de Brusque esteve ligada ao Poço Grande e mais tarde também à Freguesia.

Outro grande proprietário no século passado era Antônio Procópio de Souza que lidava com transporte e negócios de gado. Sobre sua propriedade, muitas famílias viveram. Antônio Procópio aproveitava a mão-de-obra das famílias chamadas "brasileiras" e que viviam desde muito tempo na região. Pedro Gracher, de Brusque, também negociava gado nesta área. Antônio Costa(Sr.) transportava e vendia gado na região, no século passado.

Na região conhecida como Arraial dos Claudinos, temos informações de que a

família Klock, descendente de alemães vindos de São Pedro de Alcântara juntamente com Zimmermann, que se estabeleceram em Gasparinho Baixo, realizaram a exploração da madeira existente na região. Mais tarde, Mathias Reinert proprietário residente em Poço Grande (atual fazenda Beto Carreiro) mudou-se para esta região, fugindo do drama vivido na beira rio, na enchente de 1880. Trabalhava com açúcar, cachaça e farinha.

Através da picada do Limoeiro, João de Souza e Silva e família vieram da região de Campinas, para o atual Arraial dos Claudinos. Adquiriram ali, grande extensão de terras do Coronel José Henrique Flôres. Estas terras extremavam com as do imigrante italiano Paolo Berti, indo até o pico do Morro Pelado.

Com a força de trabalho de seus filhos, toda a área foi plantada com cana e mandioca. Produziam muita cachaça, açúcar e farinha.

A propriedade dos Klock, foi adquirida por Claudino dos Santos, vindo do litoral. Ali, Claudino, com mão-de-obra escrava, construiu dique para represar água que movimentou uma grande serraria que atraía exploradores e construtores de toda a região. Mais tarde, seu filho João, estabeleceu-se ali próximo à atual escola, com casa comercial e salão de danças. Diante destes fatos, a localidade ficou conhecida como Arraial dos Claudinos. Estas terras, nos primeiros anos deste século eram totalmente aproveitadas para a produção de cana, mandioca e também milho, feijão, algodão, café, arroz sequeiro, fumo, amendoim, hortaliças, frutas e pastagem para criação de gado leiteiro e de corte.

Barracão e Batela

O nome Barracão, dado a esta localidade do território gasparense, está ligado à imigração italiana, ocorrida a partir do ano de 1875, quando foi construído nas proximidades da atual Escola Básica Marina Vieira Leal, um barracão que serviu de abrigo aos imigrantes até que estes tivessem seus lotes demarcados e construído moradia. Ali viveram famílias italianas, tirolesas, suíças e outras que vieram da Europa até o Brasil, chegando aos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Dalí, em embarcações menores navegaram até Itajaí, onde foram recebidos por funcionários do governo brasileiro e levados pelo Rio Itajaí-Mirim acima, até os riberões Pequeno e do Limoeiro, chegando até o atual Óleo Grande, depois para o Barracão. Nesta ocasião, o território do atual Barracão e imediações era ocupado por famílias brasileiras vindas do litoral, especialmente da região de Tijucas, Canelinha, Camboriú. Era gente muito simples e com muita tradição em cantorias, danças, folguedos populares, crendices e espírito comunitário. Essa gente nacional plantava milho, mandioca e outros produtos para o consumo familiar. Muitos trabalhavam para o Coronel José Henrique Flôres, morador do Poço Grande e proprietário de terras no atual Barracão. Sabe-se que José Henrique Flôres vendia já em 1860, muito milho e farinha produzidos no Barracão.

Outro fato importante ocorrido em 1875 e 1880 foi uma questão de invasão de terras do Flôres, pelos imigrantes que insatisfeitos com a infertilidade e topografia acidentada de seus lotes, resolveram não ocupá-los e viveram como posseiros nas terras já demarcadas e exploradas por Flôres.

Essa questão teve repercussão em toda a Província de Santa Catarina, havendo intervenção da Força Pública na expulsão dos posseiros.

Também nesta época, viviam na região do atual Barracão, várias famílias que lidavam com o transporte de gado. Eram chamados tropeiros. Às vezes transportavam e negociavam cavalos, outras vezes bois e vacas. Os homens viajavam muito com as tropas. As mulheres cuidavam dos filhos e estes, já desde pequenos, cuidavam de gado e recebiam o apelido de peões. Havia também escravos negros que trabalhavam na fazenda de Flôres e de outras na região do atual Brilhante, Rio Pequeno e Óleo Grande. Na memória de alguns anciãos que viveram no Barracão no início do século, estão o Tio Laurentino e a Tia Benedita, casal de ex-escravos moradores próximos à capela do Barracão. Plantavam frutas e outros alimentos para o consumo próprio. Tio

Laurentino costumava trazer frutas, dentro da camisa, para presentear as crianças vizinhas.

Muitas foram as famílias imigrantes que vieram para o Barracão, entre elas Alberici, Benvenuti, Barbi, Beduschi, Bertoldi, Bolomini, Bendini, Censi, Costa, Dalla Benetta, Dalcastagne, Da Lago, Fontana, Galassini, Lenzi, Lira, Luchini, Lana, Marchetti, Nicoletti, Ogliari, Pauli, Polli, Tomio, Zuchi, César, Roncáglio, Fantoni, Melatto, Tonioli, Prebianca, Castelini, Venturini, Zendron, Sansão, Garrozzi, Gaia, Dalsóquio, Berti, Gastaldi, Assini, Saragossa...

Alguns destes italianos casaram-se com moças de origem portuguesa, chamadas de brasileiras, outros casaram-se com alemães que vieram para Brusque e Guabiruba. Houve os que se casaram com "bugras", a maioria casou-se com italianas.

Com o passar dos anos, algumas famílias progrediram social e economicamente. Na praça do Barracão, apareceram casas de comércio - Beduschi, Barbieri, Alberici, Garrozzi, Toledo dos Santos ...

Amadiu Beduschi contratou os serviços do alemão Cristiano Hickeler para ser professor de seus filhos e realizar serviços de guarda-livros de seus negócios. A partir daí, outros vieram ensinar às crianças. A 1ª escola pública do Barracão funcionou na casa de morada do Sr. Amadiu Beduschi.

Por volta de 1920, o Barracão era lugar de movimento e progresso. A paróquia São Luiz Gonzaga de Brusque, providenciou a vinda das irmãs catequistas que receberam a função de professoras no Barracão. Esse foi o período áureo do Barracão, segundo a memória dos anciãos.

Os filhos das famílias mais abastadas chegaram a estudar nos colégios de Blumenau ou Escola Paroquial de Gaspar.

Por ocasião das festas de final do ano, as tradições dos brasileiros e italianos afloravam. Grupos de adolescentes vinham cantar nas portas das casas, de madrugada. Em ritmo de alegreto cantavam:

"Bom dia, bom ano!
Hoje é primeiro do ano!
Boas festas a vocês!
E boas mãos para nós"

Ao ouvir a saudação, o morador abria a porta, oferecia gorjeta em dinheiro. Os jovens agradeciam, seguindo para outra casa.

Era costume organizar-se "mesa dos inocentes", isto é, uma mesa farta para crianças bem pequenas, como pagamento de promessa por graça alcançada.

O "pão-por-Deus" e o "pasquim" funcionavam durante o ano todo, mas, na época do carnaval, o pasquim era muito freqüente. Consistia em escrever mensagens de desagravo e ou deboche em um papel grande e afixá-lo em portões ou portas de residências. Já o pão-por-Deus era mensagem de amizade, carinho ou amor, escritas caprichosamente em papel desenhado e picotado. Depois, enviado através de uma pessoa amiga, até o destinatário que tinha a obrigação de retribuir.

Festas de bois-na-vara aconteciam a cada domingo, na praça do Barracão (atual terreno da escola). As domingueiras também eram freqüentes em casas de família ou salões anexos às casas de comércio.

Bateia é nome dado à gamela utilizada para lavagem de areia aurífera. A serra, situada no extremo sul do território gasparense, é a Serra da Bateia, cujo pico determina o limite territorial entre Brusque e Gaspar. O morro do Pico da Bateia é um dos mais altos de Gaspar. Tem 696 m de altura e o formato de uma bateia virada.

Toda a região da Serra da Bateia que compreende o morro do Barracão, o morro do Gasparinho e outros, foi ocupada a partir de 1875 por imigrantes italianos, tirolezes, suíços que subiram o Rio Itajaí-Mirim, pararam em Barracão, Brusque ou Lageado e daí foram distribuídos em seus lotes. Estes tiveram uma vida muito difícil. A maioria deles não tinha recursos financeiros suficientes nem para alimentação. Durante alguns meses, receberam alimentação e ferramentas do governo, conforme

constava no contrato de imigração. Após este tempo, muitos chegaram a passar fome. Plantavam milho, mandioca, abóboras e algumas espécies de verduras. Essa era a alimentação. Às vezes tinham carne de caça. Viveram amedrontados pela presença de animais selvagens em suas terras. Suas primeiras casas foram construídas sobre altas estacas e à noite o fogo permanecia aceso na rua, a fim de afugentar estes animais. A terra pouco fértil e a topografia muito acidentada, as picadas muito difíceis e perigosas foram causas do empobrecimento da maior parte das famílias imigrantes que se estabeleceram nas terras da Bateia. Este foi também o motivo pelo qual, durante muitas décadas, as crianças e jovens permaneceram no analfabetismo.

Durante muitos anos, as mulheres ficaram em casa plantando o que comer e cuidando dos filhos, enquanto os homens saíam meses consecutivos para trabalhar na exploração de madeira, indo a lugares longínquos como a serra do Encano. Lá recebiam algum pagamento em dinheiro, com o qual podiam comprar algumas coisas simples.

Com o passar do tempo, as picadas foram melhoradas, alguns pastos surgiram, as quedas d'água foram aproveitadas para mover pequenos engenhos. Plantava-se a mandioca e cana. Vendia-se madeira e mais tarde houve a exploração de granito.

Gasparinho Baixo, Central e Alto Gasparinho

Em meados do século passado, João Mathias Zimmermann e família, descendentes de alemães vindos de São Pedro de Alcântara, estabeleceu-se em terras do atual Gasparinho Baixo. Com ele vieram também outros, entre eles Pedro Bornhausen que tornou-se seu genro anos depois, os Klock, Goedert e outros. Trabalharam inicialmente com extração de madeira e anos depois na agricultura de cana, mandioca, café, milho e outros produtos para o consumo representando a base econômica de muitas décadas de fartura e prosperidade.

Por volta de 1875 e anos seguintes, registramos a ocorrência da grande imigração européia. Chegaram às terras do Gasparinho, outros povos que subiram pelo rio Itajaí-Mirim acima, alguns alemães entre eles os Wegner e outros, suíços entre estes, os Buchmann, tirolezes, austríacos, entretanto a grande maioria dos imigrantes era italiana.

Estes imigrantes receberam do governo lotes para colonizar e a garantia do sustento enquanto não obtivessem colheita. Os lotes eram em terrenos com morros altos e grotas fundas e o solo pouco fértil. A maioria dos imigrantes tinha saído de sua pátria por causa de guerras. Lá viviam miseravelmente, faltando, às vezes, a alimentação. Aqui no Brasil, muitos, a princípio, viveram do auxílio financeiro do governo, mas com o passar do tempo, esta ajuda acabou e os imigrantes tiveram que encontrar meios de sobrevivência para suas famílias.

Suas primeiras casas eram de ripas e palhas de palmeira. Tempos depois, construídas de madeira, cobertas com palhas ou tabicadas. O piso era do tipo chão batido.

Nas cozinhas, (construção anexa aos fundos da casa) era feito em grande fogão de barro sobre pés e suporte de madeira. Um gancho preso ao caibro da cozinha servia para pendurar o caldeirão. Tinham vida muito difícil. As roupas eram remendadas com cipó-imbira, os colchões e cobertas, confeccionados com palha de milho desfiada. A carne era a de caça entre eles tatus, veados, quatis, pacas..., a plantação constituía em abóboras, batata, aipim, feijão e milho. A uva foi também plantada seguindo a tradição da Itália. O café e o amendoim eram comercializados. Mais tarde, plantaram fumo, pois tinham o vício de tabacocar, o arroz sequeiro e o algodão para acolchoados e pavios de isqueiros. Criavam aves e porcos. Animais bovinos como bois e vacas só as famílias de mais posses tinham o privilégio de criar. Carroças eram raras, geralmente pertenciam aos descendentes de alemães. Carros-de-bois eram muito numerosos e transportavam toda a produção até a Freguesia para ser vendida ou trocada por sal, querosene, ferramentas simples, algum tecido ou outro produto. A

"música" dos carros de bois formava eco nos caminhos íngremes e tortuosos de Gasparinho.

Alguns ainda lembram do que os velhos contavam:

Certos moradores situavam-se em lugares cujo acesso era quase impossível chegando-se a ter o costume de transportar nas costas, defuntos envoltos em cobertores nas costas até chegar a uma casa onde o corpo pudesse ser posto em um caixão para ser enterrado, pois o transporte de um caixão era impossível naqueles morros altos. Outro costume, diz respeito aos casamentos. No dia do casamento, o noivo trazia, o milho para ser vendido na tafona da Freguesia a fim de pagar o frete do trole que conduziria, após a cerimônia de casamento, os noivos e as testemunhas até o local da festa.

Era também costume das famílias mais bem situadas economicamente, presentear as crianças, no natal, com tecidos para confeccionar vestuários novos e mais bonitos. Calçado, os jovens ganhavam o primeiro, quando iam tomar pela primeira vez a comunhão.

Como diversão, os homens jogavam mora e baralho. As crianças brincavam nos pastos, penduradas em árvores. Entre os italianos, muitos eram considerados arruaceiros e demonstravam valentia após o consumo excessivo do aguardente.

Para a região de Alto Gasparinho, muitos italianos e tiroleses vieram da região de Lageado Alto e "Alto Piano", no atual município de Guabiruba.

A maioria dos homens saía de casa para trabalhar na extração e serragem manual de madeira. Permaneciam durante meses em matas longínquas como na região de Trombudo e do Encano. Quando retornavam ao lar, traziam algum dinheiro para comprar roupa, sal, querosene... A mulher e as crianças mantinham a alimentação e toda a atividade agrícola da família.

A maioria das crianças permaneceu analfabeta. Algumas tiveram a felicidade de aprender com seus pais ou irmãos mais velhos que já tinham freqüentado escola antes de imigrarem.

Pedro Bornhausen, morador de Alto Gasparinho, região de Miserinha contratou um professor alemão para lecionar aos seus filhos e às crianças vizinhas, por volta de 1890. Este professor ficou pouco tempo, sendo substituído por Ana Bornhausen, filha de Pedro, que mais tarde casou-se com Rudolfo Kostetzer. Outra professora que marcou época, foi Ana Lira, descendente de italianos que se estabeleceu em Gasparinho. Ana Lira era chamada de D. Neta, Ana, Aneta ... Morava na sacristia da Capela Santo Antônio do Gasparinho e ia até Alto Gasparinho com uma carrocinha, a fim de lecionar. Na impossibilidade dos padres, D. Neta também ensinava a religião. Esta professora trabalhou muito, visando o crescimento religioso e social das famílias do Gasparinho.

Entre os antigos moradores, muitos tinham sobrenomes portugueses, vindos da região litorânea, e alguns eram negros como Malaquias da Silva e sua família, que viviam na atual tifa Bonetti.

As estradas do Gasparinho até a administração do Prefeito Leopoldo Schramm eram muito lamacentas, esburacadas, estreitas. Quase toda a estrada era margeada por capoeirões sombrios. O leito do ribeirão continha muita água que arrastava a madeira até o lugar desejado. Era comum as pessoas cuidarem de crianças que viviam próximas ao ribeirão, pois estas poderiam afogar-se, tão fundo era o ribeirão.

Vários proprietários mantinham funcionando moinho de milho, eram chamados de tafoneiros.

Em época de instabilidade política, como a revolução de 1893 a de 1930, muitas famílias de Gaspar, com liderança política, procuraram refúgio na região de Alto Gasparinho.

Gaspar Mirim e Quadro

O ribeirão do Gaspar Pequeno, atualmente conhecido por Ribeirão Gaspar

Mirim é a razão do nome desta localidade. As terras da margem esquerda do Ribeirão Gaspar Mirim foram adquiridas na década de 1860 pela família de Adão Schmitt, morador da atual rua São José. Estas terras iam desde o atual centro da cidade até a região das casas populares, perto do C.T.G. Coração do Vale. Sabe-se que muitas famílias chamadas brasileiras viviam nesta área com agricultura de sobrevivência e como diaristas, mesmo antes de 1860.

A estrada para Gaspar Pequeno na época era através da atual Rua Frei Solano, subindo o morro próximo à residência Willy Becker, indo até as casas populares e daí, seguindo para o sul, bifurcando-se nas proximidades da atual escola em sentido oeste (Quadro e Gasparinho Baixo) até as proximidades dos Zimmermann e dos Santos (Rocha). Em sentido Leste até a propriedade da família Baptista, na região da atual Serralheria Incosul.

É provável que a região de Gaspar Mirim e Gaspar Quadro tenha sido inicialmente ocupado por famílias vindas do litoral - Camboriú, Porto Belo, Tijucas e até de Desterro (Florianópolis), pois na segunda metade do século passado, ali viviam os "dos Santos" apelidados de Rocha, Anacleto Cardoso, "Candinho Chico João", Flautério Marques, Baptista, Anastácio Luiz da Silva, irmão de Porcínio Luís da Silva proprietário de Gasparinho Quadro, os Bernardes, os Silvano, Procópio de Souza, Anacleto Cardoso, Silvano da Cunha e outros.

Os proprietários da região da Rua Frei Solano e Quadro, nesta época, eram da mesma origem, estendendo-se esta ocupação até as terras do atual Gaspar Grande, pelos caminhos da atual: Rua Manoel Pedra, de outra ligação entre o Saltinho do Gasparinho (tafona de Batista Nicoletti) e da picada no morro do Maneca Lourenço, que ligava os moradores de Minas com os do Gasparinho Quadro. Eram pessoas muito conhecidas por sua popularidade, entre elas, citamos: -Izidoro Nunes Pereira, Anacleto Garcia, Próspero Aguiar, Sálvio Medeiros (pessoa ligada às leis e à política), Benigno de Oliveira, Francisco Flauzino de Souza, Caetano dos Santos (Rocha) e muitos outros.

Este foi um tempo em que a cultura da mandioca, cana e café representava a base econômica do lugar, seguida de plantação de milho, feijão, batatas, arroz de brejo, algodão, amendoim e fumo para o consumo familiar. O povo, muito alegre e ligado ao folclore português praticado no litoral, gostava muito de cantorias, música de viola, domingueiras e chamarritas (danças em casas de amigos no horário vespertino). Contavam histórias de assembléa, charadas, piadas, costumavam escrever pasquins elogiosos ou depreciativos aos vizinhos, parentes, compadres e pretendentes ao matrimônio. Gente dedicada aos folguedos sadios. Como a dança, canto, caça, pesca, artesanato, ao cultivo de flores e chás. Muitos deles foram excelentes donos de animais.

Era costume destes moradores consumir peixes do mar. Para isso, trocavam sacos de farinha e outros produtos, por caixas de tainhas e peixes secos. Este negócio era realizado com barcos de comerciantes que subiam o rio Itajaí-Açu com seus barcos.

A primeira escola de que se tem notícia, funcionava na atual propriedade Alfredo Sansão, um pouco depois da entrada da Rua Manoel Pedra. Era dentro do rancho do engenho de farinha de Antônio Schwaski, pai da professora Júlia. Todos os alunos acomodavam-se em volta de uma mesa comprida e estreita. Isto, por volta de 1905.

Outro fato importante aconteceu por volta de 1908/1909, quando Frederico Guilherme Buch, prefeito de Blumenau, inaugurou uma usina hidrelétrica aproveitando a força das águas do saltinho do Gasparinho que ficou sob a responsabilidade técnica de Francisco Stühler.

O nome "Quadro" originou-se do fato de que o alemão Júlio Hoenicke adquiriu grande extensão de terra em forma de quadrado, na região próxima ao saltinho do Gasparinho. Com o tempo, toda a região do Gaspar Pequeno, lado oeste, passou a

ser chamada de Quadro ou Gasparinho-Quadro.

Gaspar Grande, Garuba e Minas

As terras de planície, tão valorizadas atualmente, para o cultivo do arroz, representavam, no século passado, empecilho para a ocupação. Nos mapas antigos, estas terras eram descritas como sertões inóspitos, isto é, lugar onde não se pode viver. Eram áreas alagadiças muito extensas onde não se poderia plantar, morar, transitar...

É provável que a exploração da madeira e do ouro (em Ribeirão Coral de Minas) tenha atraído os primeiros homens brancos para este lugar. Há notícias de exploração de ouro em Minas, desde o início do Sec. XVIII. Em 1860, as matas de Gaspar Grande, Garuba e Minas já eram devastadas por exploradores de madeira. A partir desta época, só existia madeira em lugares de difícil acesso, como morros altos e grotas profundas. A madeira então era transportada via fluvial, isto é, através dos ribeirões até o Rio, e deste, em jangadas construídas com a própria madeira amarrada com cipó-imbira, até Itajai, onde era exportada. Algumas famílias trabalharam com exploração de madeira: Os Deschamps, Klock, Zimmermann, e muitas outras que os sucederam.

A ocupação de Gaspar Grande está ligada ao povoamento de Gasparinho, pois as notícias de que famílias vindas de Porto Belo, Tijucas, Camboriú, estabeleciam-se em Gaspar Grande, através de picadas entre as atuais Rua Frei Solano e o Morro do Schramm, bem como entre o Gasparinho Quadro e o Gaspar Grande e entre Minas e Gaspar Grande através de picadas no Morro do Maneca Lourenço. Entre estas famílias encontramos os Carvalho, Aguiar, Oliveira, de Souza Soares, da Silva, Pinheiro, dos Santos, Lemos, da Rocha, Nunes, Conceição e outras.

Entre esses, muita tradição de origem portuguesa foi vivenciada, entre elas o hábito de contar histórias, rezar terços com ladainhas cantadas, benzer de erizipela, rasgado, susto, cobreiro, picada de cobra, sangue solto ... Vários tocadores de viola mantinham os apreciadores da música e da cantoria.

Entre os colonizadores desta área encontramos também alguns descendentes de imigrantes alemães vindos de S.P.A., entre eles, os Schneider, Krauss, Zimmermann, Müller, Isensee, Theiss, além dos Schramm e Beiler.

Era um povo cumpridor dos preceitos religiosos.

Aos domingos saíam cedo para chegar até a igreja, a pé. No inverno, providenciavam luz de querosene para iluminar o caminho. A lamparina era escondida em algum lugar no caminho. Os sapatos eram calçados bem perto da igreja após lavagem e secagem dos pés em algum córrego de fácil acesso. O mais citado situava-se próximo a atual olaria Zimmermann.

Havia muita caça e caçadores. Mas, o sustento das famílias era baseado na agricultura de cana, mandioca e café: Faziam a farinha, o açúcar que juntamente com o café formavam a base econômica da região. Em quase todas as propriedades cultivavam amendoim, algodão, feijão, milho, batatas, araruta, cará, taiá, aipim, arroz do brejo, além de frutas e verduras, para o consumo familiar.

A criação de gado era muito prejudicada pela ação dos inúmeros morcegos na região.

O artesanato era praticado por muitos: faziam vassouras, balaio, tipitins, esteiras... Os negros Manoel Jorge, Norberto e Rodolfo Balano, moradores dos morros da Garuba eram os mais conhecidos artesãos e diaristas.

Até a segunda década do século XX, as terras de morros tinham bom valor comercial, e as planícies não atraíam os agricultores. Mas, a partir de 1917, famílias de imigrantes italianos da região de Ascurra, Ibirama e proximidades interessaram-se pelos terrenos baixos de Garuba e Gaspar Grande. Ali abriram valas de irrigação nivelaram os quadros de terra e passaram a plantar o arroz, seguindo a técnica utilizada na Itália. A partir daí, a produção de arroz irrigado expandiu-se consideravelmente, fazendo de Gaspar, um dos maiores produtores de arroz do Estado. Entre os

pioneiros na produção de arroz irrigado destacamos os Mondini, Moretto, Moser, Dalla-Rosa e outras.

Águas Negras

Ribeirão da Água Negra era a denominação da corrente de água que passa pela atual localidade de Águas Negras.

A colonização destas terras está ligada à figura de Pedro Zimmermann e sua primeira esposa Gertrudes Crømer que adquiriram terras demarcadas possivelmente pelo Dr. Blumenau por volta de 1864.

Pedro (Sr.) viveu nas terras do atual Bairro Bela Vista, mas requereu os sertões do Ribeirão da Água Negra, onde seus filhos Humberto casado com Guilhermina Koch e Jacob casado com Maria Klock fizeram história. Humberto passou a viver em Águas Negras, em 1889, e no ano seguinte, casou-se. Jacob construiu moradia próxima ao seu irmão alguns anos depois.

Os irmãos Zimmermann e suas esposas eram pessoas instruídas e muito dedicadas à religião católica.

A primeira casa de Humberto foi construída com ripas, e ficava sobre uma cachoeira. Na época, havia matas fechadas nos morros das redondezas, e era comum aparecerem animais ferozes próximo à casa. Certa ocasião, a presença de tigres dizimou animais bovinos. Os tigres eram então caçados até os morros da região do Garcia e geralmente abatidos a tiros.

Anos mais tarde, os Zimmermann construíram casa de madeira, rancho grande para abrigo de carroças, engenhos de açúcar, farinha e de serra que eram movidos à água represada por barragem construída acima do rancho.

A princípio a madeira era abundante e consistia na principal riqueza da propriedade.

As dificuldades eram muitas, naquele tempo, em que as mulheres preparavam um cestinho onde seus filhos bebês permaneciam chupando uma "trouxinha" de pano recheada com farinha e açúcar mascavo, enquanto elas trabalhavam na plantação. A preocupação com o futuro era muito grande. Os filhos precisavam estudar. A princípio vinham até à Escola Paroquial de Gaspar, a pé, depois, com a instalação da rede elétrica (alta tensão), os jovens Zimmermann iam a pé pelas picadas até Blumenau onde estudavam no Colégio Santo Antônio.

Outro colonizador de Águas Negras foi Carlos Augusto Isensee, que em 1903, veio da região de Gaspar Grande para Águas Negras, ainda solteiro, trabalhar na agricultura, com produção de cana e mandioca.

Hubert Deschamps também veio de Gaspar Grande para Águas Negras em 1908. Trabalhava com extração de madeira e produção de açúcar e farinha.

Hubert Deschamps adquiriu as terras que foram de Diogo Gregório Pereira, um provável pioneiro, do qual não obtivemos informações. Miguel Pitz e o solteirão Weingärtner também foram proprietários de terras em Águas Negras no século passado, início deste.

Os irmãos José Cândido e Carlos Schramm também vieram da Freguesia para Águas Negras no início do século.

Outras informações nos dão conta de que até 1934, as crianças residentes em Águas Negras estudavam em escolas distantes: - Gaspar Grande e Paroquial de Gaspar. Mas, Leopoldo Schramm, logo que assumiu a prefeitura, criou a escola na região de Figueira cuja primeira professora foi Alice Klock.

A vida das crianças era sacrificada no trabalho da lavoura e nos engenhos de açúcar e farinha, porém, nas horas vagas, pescavam, usando coves e caniços: jundiás, traíras, saguarus, nas águas do Ribeirão Águas Negras onde havia muitas lontras que destruíam os coves para comer os peixes.

A caça com bodeques também matava saíras, sanhaços, rolinhas. Canários e gaturamos eram presos nas gaiolas para que cantassem.

Havia também tucanos seripocas, jacupembas, aracuãs e animais maiores como quatis, veados, tatus...

Gaspar Alto e Gaspar Alto Central

O povoamento das terras altas e acidentadas desta parte do município de Gaspar, está ligado à grande imigração ocorrida nas áreas do Itajai-Mirim, por volta de 1875, quando muitos alemães, belgas, suíços e outros ocuparam as terras das nascentes do Ribeirão Gaspar Grande que divisam com Guabiruba e Brusque. Este povoamento também recebeu imigrantes que vieram para a Colônia Blumenau e se estabeleceram na atual região de Gaspar Alto e Ribeirão das Pedras, terras próximas às nascentes do Ribeirão Garcia.

Esta gente de tão longe, adquiriu lotes do Governo da Província de Santa Catarina para colonizá-las. A princípio, a riqueza constituía-se na madeira de canela e peroba, abundantes nos morros e grotas. Eram serradas à mão ou em engenhos movidos à água. Os homens dedicavam-se principalmente à extração, serragem e transporte de madeira para Brusque e também para Blumenau. Utilizava-se carroções puxados por mulas e cavalos. As mulheres, crianças e jovens dedicavam-se à plantação de milho, mandioca, cana e à produção de açúcar, cachaça e farinha. Plantavam também para o consumo familiar, as hortaliças, tubérculos, café, algodão, amendoim, araruta, frutas como videira, pêra, laranja, figo, pêssego, jabuticaba, tangerina e outras que eram vendidas em Blumenau em forma de geléia, ou frescas. A criação de vacas também era freqüente, para a produção de queijo, nata e manteiga para servir a determinados fregueses do Garcia.

Para se chegar a Blumenau, utilizava-se o caminho que inicia em frente à Escola Rudolfo Gunther e para Guabiruba e Brusque, seguia-se pela Zickzack; isto é, caminho com curvas tão fechadas que obrigava o desmonte de algumas carroças em alguns pontos a fim de passar pelo aperto da curva. A estrada ligando Gaspar Alto com a cidade de Gaspar foi aberta em 1934 por Leopoldo Schramm, auxiliado por Ernesto Schulze, Romão Machado, João e Ari Dorow, Ricardo Krepski, Ervino e Eugênio Hertz, Adolfo Baader, Marcos Hank, Max Guillard, Ernesto Alfai e outros.

A caça era farta: jacutingas, rolas, tucanos, veados, pacas e em volta das represas de águas, pastavam algumas antas e há notícias de animais ferozes como onças e jaguatiricas.

Há uns 60, 70 anos a madeira escasseou, então muitos homens ocuparam-se na construção de caminhos, estradas e ferrovias. Outros aperfeiçoaram a produção agrícola de produtos para feiras-livres, exploração do palmito. Apareceram também marcenarias e logo o processo de industrialização de Blumenau expandiu-se, absorvendo a mão-de-obra masculina, e depois feminina da região de Gaspar Alto. A exploração da lenha para manter as caldeiras da Empresa Industrial Garcia também ocupou muitas famílias durante algum tempo.

No início deste século notava-se prosperidade entre os moradores desta região. Ao lado de poucas casas simples, cobertas com palhas ou tabicas, apareciam também grandes casas de madeira, caprichosamente construídas, com detalhes nos telhados, beirais e varandas.

Outras construções enxaimel de excelente acabamento também formavam uma paisagem tipicamente européia, harmonizando com os pomares e quintais de hortas, chás e muitas flores.

O comércio acontecia principalmente nas praças de Brusque e Blumenau, nas casas comerciais que adquiriam a produção de Gaspar Alto e forneciam os tecidos, ferramentas, sal, querosene, material de construção e outras mercadorias, entre elas, o trigo, consumido em ocasiões festivas ou para recuperar a saúde de algum convalescente. Em Gaspar Alto Central, havia pequeno comércio da família Machado. Em Gaspar Alto, comércio e salão de danças e tiro-ao-alvo funcionava nas proximidades da atual Capela N.S. Aparecida. Pertenciam às famílias Santner e Buchmannn.

Entre os moradores, católicos e evangélicos, surgiu, a partir de 1881, o adventismo, quando Guilherme Belz, escreveu para os adventistas dos E.E.U.U. Demonstrando interesse sobre a religião que obedecia o preceito bíblico do descanso aos sábados e não aos domingos conforme o costume católico e evangélico. Anos depois, pastores adventistas estabeleceram-se em Gaspar Alto Central, com igreja e escola-internato. O material didático era excelente para o ensino principalmente de biologia e biblioteca. A casa da escola, grande, com dois pavimentos abrigava além das salas de aula, dormitório feminino no segundo piso e masculino no primeiro, atrás o grande refeitório. Sobre o córrego, cabines individuais para banho. As dificuldades com distância e estradas precárias fez com que poucos anos depois esta escola fosse transferida para Itapeperica da Serra, no Estado de São Paulo, onde até os dias de hoje vem formando cidadãos adventistas. A casa foi demolida e reconstruída nas imediações da atual residência de Paulo Schirmer.

Com o adventismo, novos costumes se estabeleceram na região de Gaspar Alto Central. Reduziu-se o consumo de bebida alcoólica, que tantos aborrecimentos causaram à polícia de Brusque, chamada sempre, aos finais de semana para controlar brigas, entre os frequentadores dos dois salões de baile ali existentes. A criação de suínos desapareceu, tendo em vista o preceito religioso de abster-se dos derivados de suínos. Intensificou-se a produção de frutas, geleias e compotas, grãos, hortaliças e conservas.

A criação de vacas e aves como galinhas, gansos, patos e marrecos aumentou, tendo em vista o consumo de carne, ovos e o aproveitamento das penas para travesseiros e acolchoados.

O interesse pelo estudo e leitura aflorou. Atualmente, umas vinte famílias adventistas mantêm intercâmbio de informações com os principais meios de comunicação da igreja adventista, além de ser comum o recebimento de jornais em língua alemã.

Na comunidade de Gaspar Alto Central, conta-se atualmente, umas 25 famílias, entre elas, 20 pertencem à Igreja Adventista do 7º Dia.

Na região de Gaspar Alto, as famílias formam duas comunidades religiosas. São os católicos e os evangélicos. A família Nuss doou terras para a comunidade católica construir sua capela e galpões para festas. Paul Schulze em 1951 doou terreno e sob a liderança de Germano Krepski a igreja foi erguida. Willy Dorow serrou a madeira doada por Krepski e outros. As telhas foram doadas pela Comunidade Evangélica de Gaspar. Festas populares garantiram o pagamento da mão-de-obra especializada e a Igreja se tomou uma realidade.

Muitos lembram com saudades, o tempo em que os evangélicos tinham que se locomover até o centro de Blumenau para frequentar doutrinas, cultos e receber os sacramentos.

Quanto à escola, os primeiros frequentavam escola alemã localizado na estrada para o Jordão. Mais tarde, constituíram sociedade particular que mantinha a escola alemã de Gaspar Alto até que no final da década de 1930, Leopoldo Schramm instituiu o ensino público e em língua portuguesa.

Nos morros onde nasce o ribeirão Coral de Minas, a exploração de ouro atraiu várias famílias no final do século passado. Estas, além de trabalhar em minas de propriedade da família Schmitt de São Paulo, produziam também banana, abacaxi, exploravam lenha e palmito. Para o transporte, utilizavam, principalmente, a força das mulas.

Jacob Nuss hospedava tropeiros e viajantes, além de negociar cavalos e vacas trazidos em tropas, a pé, da região de Lages e Curitiba.

Muitas tafonas e engenhos de serra funcionavam aproveitando a força das águas que juntamente com outras atividades já descritas, representaram a base econômica desta região de Gaspar, tão ligada à vida de nossas cidades vizinhas: Brusque e Blumenau.

Poço Grande Margem Esquerda e Lagoa

As terras ribeirinhas desta região são ocupadas por homens brancos há muito tempo. Existem documentos de propriedade de terras nesta área, desde o final do século XVIII, quando alguns requereram do governo, extensas áreas com o objetivo de cultivá-las. Já muito antes desta época, pessoas vindas do litoral aqui viviam, a princípio à procura de metais preciosos, tempos depois, explorando madeira, havendo também a preocupação em produzir alimentos para o consumo familiar, destacando-se a produção de farinha, que na época era torrada em fomalha de cerâmica, mais tarde substituída pelas de cobre.

No ano de 1835, o Deputado Provincial Agostinho Alves Ramos, que também era proprietário e comerciante na foz do Rio Itajai-Mirim (atual cidade de Itajai), criou nas proximidades da foz do Ribeirão Arraial, um arraial que significava a organização de um povoado, onde os proprietários recebiam pequenos lotes para moradia próximos uns dos outros numa área com arruamento e local destinado à utilização comunitária como escola, igreja etc. E próximo ao povoado, cada proprietário adquiria também uma área extensa de terras onde ele se obrigava a cultivá-las. Este arraial recebeu o nome de Arraial do Pocinho e foi responsável pela denominação do ribeirão e mais tarde também deu o nome às localidades que se organizaram ao longo do leito do ribeirão que hoje chamamos de Ribeirão Arraial.

Este arraial progrediu pouco, ao contrário do outro, criado pela mesma Lei e que se chamava Arraial de Belchior, organizado próximo à foz do Ribeirão Belchior, mas na Margem Direita do Rio, nas imediações do atual Residência Bela Vista, quase na divisa com Blumenau.

Na segunda metade do século XIX, grandes proprietários são ali encontrados. Em Poço Grande M.E., a família Wan Dall, Remanescentes da Colônia Belga de Ilhota, Nicolau José de Freitas, vindo da região da Praia de Cabeçadas, comprou terras de um tal "Procópio" e ali progrediu com sua numerosa família conseguindo excelente padrão de vida naquela época, graças à fertilidade da terra, à força de trabalho de seus familiares e a agilidade para os negócios herdada de seus antecessores portugueses.

Na propriedade de Nicolau, além de excelente casa de moradia com dois pavimentos, grandes ranchos para os engenhos e depósito de produção, jardins e pomares vistosos, havia também um porto fluvial, o mais movimentado da região.

Descendo o rio, a propriedade de Manoel Alves de Andrade, proprietário de grande extensão de terras onde se produzia muito café, açúcar, cachaça e farinha em engenhos movidos a bois, estabelecidos nas barrancas do rio. Manoel residia em casa de estuque, coberta com palhas, chão batido. Negociava sempre com Zé Maria e João Maria, condutores das baleeiras que subiam o rio carregadas com peixe seco, sal, querosene e outros produtos para serem trocados por farinha, açúcar, cachaça, café, milho e outros produtos coloniais formando a carga das embarcações quando estas desciam o rio, rumo a Itajai.

Extremando com Manoel, a Leste, Francisco Schramm (filho do imigrante João Schramm, estabelecido no Gaspar Grande), agricultor, construiu casa enxaimel grande, onde a partir de 1933, funcionou a escola particular com a prof^a Ursula, filha de Francisco e anos depois, a casa comercial do filho Antônio Schramm.

Outro grande proprietário era José Agostinho Pereira. Criador de gado (cavalos, bois, vacas). Nas terras de José Agostinho, existia uma capelinha com a imagem de São Sebastião, onde por mais de 50 anos rezavam-se novenas, pagou-se promessa por graça alcançada em favor da saúde de animais domésticos. Estas promessas consistiam em levar no dia 21 de janeiro (dia de S. Sebastião) um determinado presente ao santo, que seria arrematado pelos presentes. Eram galinhas, porcos, bezerros e massas com a forma de animais. Neste dia, além das rezas e do arremate das oferendas, havia festa com comida, bebida, cantoria, foguetório, bandeirinhas e tudo o mais.

José Agostinho Pereira era da mesma família de José Agostinho dos Santos, o popular Juca Grande, um dos maiores proprietários de terras, no atual Arraial e Morro

Grande. Ambos tinham grande liderança política em toda a região. Eram os adversários do Coronel José Henrique Flores também líder conservador.

José Henrique Flôres tinha muitas terras na Margem esquerda do rio. Comentava-se que Procópio de Souza, com fama de valentão, pressionou Flôres e conseguiu comprar 18 lotes de terras onde explorou madeira com mão-de-obra escrava. Procópio de Souza foi no ano de 1893 mutilado e morto pelas tropas legalistas em praça pública de Itajai. Parte de sua propriedade foi vendida ao alemão Augusto Langner que também comprou parte de terras de Flôres sendo demarcadas por José Elizio (de Ilhota) e negociadas por Dominginhos, um comerciante que trabalhava em baleeiras.

As terras mais a norte, eram chamadas de sertão ou sertão da Lagoa. Eram consideradas inóspitas, isto é, impróprias à habitação humana. Terrenos muito alagados, cheios de incos, com lagoas fundas, repletas de jacarés. Sobre as lagoas, bandos de marreços d'água. Os moradores destas áreas eram pessoas de poucos recursos. Plantavam para o consumo e trabalhavam como diaristas nas propriedades maiores, entre elas as que se situavam na margem direita do rio. Outros saíam para trabalhar nas construções de estradas e outros serviços.

A pesca era farta, tanto no ribeirão Pocinho quanto no Rio Itajai-Açu, cujo leito profundo era estreito. Muitos contavam que no início deste século, um tronco de coqueiro comprido alcançava as duas margens do rio, outros, atiravam uma pedra de uma margem e esta conseguia alcançar a outra margem. A caça também era muito praticada. As capivaras que consumiam a plantação de milho, precisavam ser abatidas com frequência. Muitos veados, tatus e gambás também foram caçados. Era freqüente a presença de onças que desciam dos morros ao norte. Na década de 1930, foi abatida a última que se tem notícia. Media 15 palmos.

Jacarés grandes, medindo 9 ou 10 palmos eram exterminados à foice, pois carregavam os marreços e patos domésticos, além do perigo que representavam aos moradores.

As primeiras culturas agrícolas significativas foram o café, o milho, a mandioca, a cana e o arroz do brejo.

Por volta de 1920, com a instalação da Usina de açúcar em Gaspar, por Fontes e Cia, os canais expandiram-se muito em toda a área de Poço Grande e mesmo da Lagoa. O solo era tão fértil! A parte útil da cana média geralmente 5 metros. Entre os carroiros de cana, plantava-se batata-doce, taiá, cará, repolho, cebola-de-cabeça, etc.

Os engenhos, sempre que possível, eram construídos nas barrancas do rio para facilitar o transporte da produção feito por via fluvial para Itajai, através das baleeiras, ou para Gaspar, em balsas feitas com 2 canoas conjugadas.

Nas barrancas do rio, também moravam os carpinteiros especializados na confecção de embarcações e dos engenhos de farinha e de açúcar.

Em Poço Grande e Lagoa, muitos costumes simples eram vivenciados mesmo pelas pessoas consideradas de posses. Presenteava-se a mãe de um recém nascido, com uma garrafa de leite, galinha, ovos. Era tradição dar um ovo a bebês que visitassem a casa pela 1ª vez.

Algumas famílias mantinham em casa uma cobra rateira como animal doméstico que circulava normalmente por todos os cômodos da casa. Também era costume pedirem emprestados os bois de serviço entre os proprietários mais pobres.

O milho colhido era trocado na tafona, pelo tubá. Entre os alimentos, as famílias consumiam pão assado na chapa, uma farofa preparada com ovos, açúcar queimado, banha e farinha. O popular sacco-de-boi era cozido, feito com farinha de milho, açúcar e sal acondicionado em uma trouxa de pano e cozido em água, numa panela forrada com palhas de milho. Comia-se também muito peixe de água salgada, fresco e seco, adquirido das baleeiras.

Os cortejos de casamentos seguiam pelo rio em bateiras, canoas conjugadas, acompanhadas por várias canoas onde os convidados e músicos faziam a festa com

fogueteiro e música.

No sertão da Lagoa, funcionava, no início deste século, uma casa de danças, próxima à atual Escola Mário Pedemeiras. Gaiteiros e violeiros das redondezas animavam os bailes. Nos natais enfeitavam galhos de árvores com algodão e parasitas do mato. Escondiam-se presentes nos cantos da casa. Eram geralmente "doces que a santinha trazia". Na casa grande de Nicolau J. Freitas, além dos costumes simples, havia luxo. Porcelanas importadas, talheres finos em metais nobres com porcelanas decorativas representando figuras ilustres da época. Na sala, suporte rotativo para os cações de felicitações que a família recebia. Possuíam também um carro-de-molas. Negociavam a cachaça diretamente com o Sr. Malburg de Itajaí.

As necessidades religiosas eram atendidas, às vezes, por padres de Gaspar que atravessavam o rio em frente à igreja e seguiam até o Porto Arraial. Depois, iam por um atalho, até Morro Grande, de lá, até a casa de Joaquim Alves de Andrade. Nesta casa, o sacerdote ensinava doutrina, rezava com a comunidade, confessava os doentes. Anos mais tarde, foi erguido com ripas, um abrigo coberto com telhas, para os fiéis. Localizava-se num encruzo que dá para Morro Grande e Ilhota. Um ano depois, o abrigo foi desmanchado e transportado mais para o sul, no atual terreno da Capela São Brás. Ali, construiu-se uma capela com madeiras serradas. Por volta de 1960 Frei Otocar Prinz liderou a construção desta atual capela em alvenaria.

Terrenos alagados, falta de estradas e malária eram assuntos comuns na Lagoa. No governo de Leopoldo Schramm foram abertas valas para drenagem das terras desde o Morro Grande até o Ribeirão Pocinho. A estrada entre o Porto Arraial Poço Grande M.E. e Lagoa foi construída com apoio dos proprietários, durante o governo de Leopoldo Schramm, cujo trecho mais difícil foi o do morro do mineiro, assim denominado porque no passado, ali residiu um antigo explorador de ouro. Ali, a pedreira dificultou a construção do leito da estrada. No governo Pedro Krauss concluiu-se a estrada que liga a beira do rio com o caminho para o Morro Grande.

No ano de 1937 Leopoldo Schramm demarcou e vendeu as últimas terras consideradas devolutas no sertão da Lagoa.

Alguns italianos de Rodeio adquiriram-nas e logo as revenderam para pessoas do lugar.

Em meados deste século, as terras de Poço Grande Margem Esquerda e Lagoa eram bem povoadas. Ali, o progresso econômico sustentado pela excelente produção da cana mantinha o movimento de masas de comércio e o equilíbrio financeiro das famílias. A produção de cana era fenomenal. Havia boa remuneração e trabalho para todos.

Com a paralisação das atividades da Usina de açúcar São Pedro em 1970, os canais foram desaparecendo. Na paisagem, surgiram as pastagens para criação de gado. Com isto, a população também diminuiu, muitos jovens passaram a trabalhar e viver próximos à cidade.

Porto Arraial, Arraial e Morro Grande

A região de Porto Arraial era, no início do século XVIII, conhecida como o Estaleiro das Naus. Isto porque na foz de um córrego próximo ao atual trevo Lagoa X Arraial, havia um estaleiro para construção e reparos de embarcações fluviais e marítimas. Era uma época em que a exploração de madeira e ouro ocorria sem o controle das autoridades governamentais. As atividades agrícolas atendiam ao consumo local e alguma farinha e café já eram comercializados. A população, geralmente caracterizada por caboclos, era proveniente do litoral.

Por volta de 1850 Nicolau Werner, conhecido como "Nicolau Barbudo" adquiriu grande extensão de terras nas duas margens do rio. Suas terras da Margem Esquerda mediam 3.000 metros de frente, que extremavam com o rio e 2.200 metros de fundos que se limitavam com as de José Agostinho dos Santos. Seus vizinhos a leste, eram os Souza e a Oeste, o alemão Andréas Boettger.

Nicolau veio de São Pedro de Alcântara para Gaspar. Viveu até sua morte nas terras da Margem Direita.

Seus filhos, Pedro e José, ocuparam a propriedade da Margem Esquerda. Pedro, agricultor abastado, morava próximo à entrada para Morro Grande (atual Elói Anastácio da Silva), produzia muito açúcar, cachaça e farinha. José, residia às margens do Ribeirão Arraial, na atual estrada para Morro Grande. Era falquejador de madeira empregada para construção de ranchos, pontes e armações de casa enxaimel.

Andreas Boettger, ferreiro, um dos 17 primeiros fundadores de Blumenau que aqui chegaram em 02 de outubro de 1850, adquiriu terras na região de Porto Arraial, por volta de 1880, ocasião em que se protegeu das águas das cheias do rio, subindo em uma árvore, onde permaneceu por vários dias. Quando foi socorrido, as águas já haviam baixado. Andreas estava com o corpo enrijecido e desacordado. Suas terras iam desde a atual entrada de Augustinho Maba, até o morro do mineiro. Nesta propriedade, localizava-se o armazém do porto, bem no barranco do rio. Entre as margens direita e esquerda, havia balsa que dava passagem às pessoas, carroças e cargas.

Cristiano Threiss também grande proprietário à beira-rio, vendeu parte de suas terras a outro alemão, Adão Müller. Grande produtor de açúcar, cachaça e farinha em engenhos movidos a bois. Adão, a fim de drenar o banhado povoado por jacarés, lontras e capivaras, abriu valas desde os morros até o córrego próximo à propriedade de Ricardo Stanke. Na enchente de 1880, Adão, com sua canoa de 10 metros, construiu com um tronco de araribá, salvou muitas pessoas. Era homem de reconhecida coragem e habilidade para remar.

Nã região, era hábito cozinhar no melado fervente, milho verde, taiás e ovos, para depois comer.

Era também costume a organização de bailes e domingueiras em casas de famílias, onde alguns gaiteiros tomavam cachaça com açúcar durante a noite toda.

Nas terras do Arraial, José Agostinho dos Santos, parente de José Agostinho Pereira e de Inácio Agostinho dos Santos, proprietários na região de Poço Grande Margem Esquerda e Lagoa, exercia grande liderança.

Tinha uma propriedade muito extensa com engenhos de farinha, açúcar, cachaça, e principalmente serraria movidos à água. Empregava pessoas que viviam na região e trabalhavam como meiros e diaristas. José Agostinho era conhecido como "Juca Grande". Morava próximo à atual estrada para Morro Grande e exercia grande liderança em Gaspar. Recrutava jovens para o serviço militar, era convocado para trabalhar em causas cívicas em Blumenau. Costumava andar sempre a pé, apesar de possuir dezenas de cavalos. "Juca Grande" era adversário político de José Henrique Flôres (fazendeiro na Margem Direita do rio) e líder a favor da abolição dos escravos.

As terras do Arraial eram alagadiças. Os primeiros caminhos tiveram que ser estivados com ripas de palmeiras e coqueiros. Vários engenhos de serra funcionavam na região. Agostinho Flôres tinha alguns, sendo o mais conhecido, situado no Saltinho do Arraial. Juca Grande também serrou muita madeira. Pedro Bornhausen é seu genro. Manoel Faustino dos Santos explorou madeira em Arraial e imediações. Mathias Spengler e Alberto Léo Schmitt também tinham propriedades onde se extraía madeira.

O ribeirão Arraial era um corredor de toras e pranchas de madeira serrada que eram organizadas no Porto Arraial e transportadas rio Itajaí-abaixo em forma de jangadas amarradas com cipó-imbira. Falquejava-se muita madeira empregada na construção de ranchos, pontes e casas enxaimel.

Este povo do Arraial era acostumado a viajar com canoas até Itajaí. Lá, realizavam os negócios de venda de madeira, açúcar e cachaça que seguiriam depois. Na volta, as canoas vinham carregadas com mantimentos e utilidades adquiridos na praça de Itajaí.

Muito comum, a criação de ovelhas, cuja lã era aproveitada na confecção de

acolchoados. Plantava-se o algodão que era fiado e tecido em casa, onde se confeccionavam mantas e vestimentas grosserias para o trabalho.

Na região do Arraial, viviam alguns descendentes dos belgas fundadores de Ilhota. Os mais conhecidos eram Theodoro, Lucas e Maneca "Belgo". Alguns eram indolentes, alcoólatras e muito pobres.

Nos últimos anos do século passado e início deste, várias famílias de origem alemã, vieram de São Pedro de Alcântara, Angelina e Biguaçu para o Arraial. José e Cristina Sabel com sua família, José Miguel e Maria Luiza Pitz com família, Nicolau Moes ou Maes e Ana com um bebê, as famílias Junkes, Bernz e outras. É sabido, que os Pfeiffer e Emendoerfer moradores da região de Gasparinho e Freguesia também adquiriram grandes extensões de terra acima do Saltinho.

Gustavo Schmitz também veio de Tubarão para trabalhar nas terras de Pedro Schmitt, do Poço Grande Margem Direita, casando-se com uma de suas filhas.

As caçadas nas terras do Arraial e Morro Grande, atraíam pessoas de vários pontos de Gaspar. Munidos de armas de fogo e cachorros, dizimavam porcos do mato, onças, veados, tatus, quatis e outros animais.

Entre 1928 e 1932 Léo Sabel e Martinho Nifa de Oliveira construíram os primeiros quadros de arroteiras do arraial. Situavam-se na planície dos Sabel e na planície lateral à entrada para Morro Grande onde mais tarde Manoel Linhares, vindo de Itajaí, estabeleceu-se com casa comercial.

Na Região de Morro Grande, José Agostinho dos Santos, José Werner e os de Souza eram grandes proprietários.

Arraial Ouro e Arraial Alto

A procura do ouro no ribeirão Arraial e em outros córregos do território Gasparense é um fato muito antigo. Provavelmente antecedendo ao século XIX. Esta atividade é interrompida e reiniciada através dos anos. Em 1943, Alfonso Ladewig empreendeu negócio de exploração de ouro no Ribeirão Coral de Minas, mudando-se, logo depois, para o Ribeirão Arraial, onde mobilizou muitos garimpeiros da região de Ribeirão do Ouro (próximo a Brusque) que às dezenas vinham com suas carroças e pertences para Gaspar. Foi um período de muito movimento. Alguns comerciantes de Gaspar, chegaram a instalar um posto de vendas de sua casa de comércio estabelecida na cidade, na região do Ouro, tendo em vista o alto consumo de gêneros alimentícios, medicamentos, roupas e outros utensílios pelos garimpeiros. Nesta época, muito ouro foi contrabandeado no interior do cambão de carroças previamente perfurado para o esconderijo do ouro que seria levado para Ribeirão Ouro, sem o pagamento da parcela, que por direito caberia à firma autorizada para explorar a mina. Era comum, o ouro seguir escondido em polentas, pães, roupas ou mesmo nos intestinos dos garimpeiros.

Muitas histórias sobre ouro e garimpo poderíamos relatar. Vamos entretanto comentar também os fatos que estão relacionados com a exploração da terra através da agricultura. No final do século passado, algumas famílias de descendência alemã, estabelecidas em Biguaçu, desanimados com as geadas freqüentes e com o desgaste do solo de suas propriedades, mudaram-se para Gaspar, Região de Ribeirão Saltinho.

A escolha pareceu acertada. Fato que motivou a vinda de outras famílias amigas e aparentadas de Biguaçu, que na outra virada dos morros de Ribeirão Saltinho, vieram estabelecer-se. Chamaram este lugar de Arraial Alto.

Esta ocupação estendeu-se para Cananéia ao norte e para Arraial Ouro, ao Sul. A princípio as ligações de Arraial Alto eram maiores com Cananéia e Ribeirão Saltinho. Mas, a vinda de parentes e amigos para a região de Arraial, fez surgir picadas entre os morros. Mais tarde, no governo de Leopoldo Schramm (1934-1947) a estrada entre o Arraial e a Cananéia foi aberta, cabendo salientar que esta estrada esperou para receber macadame, até o governo do prefeito Evaristo Francisco Spengler (1966-1970).

Esses novos proprietários eram conhecidos como "alemães biguanos" por terem cultura alemã e procederem de Biguaçu. Eram pessoas simples, com alto espírito cooperativo e amizade. Alegres e com capacidade incrível de vencer dificuldades. Católicos fervorosos, muito trabalhadores e confiantes sem realizações futuras. Produziam quase tudo o que consumiam. O açúcar, a cachaça e a farinha eram a base econômica do lugar.

Esta produção foi comercializada com Bernardino Pamplona Sobrinho, comerciante próximo ao Saltinho do Belchior e mais tarde pela Cia Jensen de Itoupava.

Por volta de 1920 foi construída uma capelinha nas terras de Roberto Schmitt. Era em madeira, tipo chalé, envidraçada com uma cruz plantada por ocasião de missões religiosas. Foi construída por Felipe Lanzer, José Junkes, Roberto Schmitt, Willy Waldrich, José Knopp e outros. Atrás da capela foi feito o cemitério. Anos depois, esta capela foi substituída pela atual, em local de melhor acesso. É provável que Roberto Schmitt e sua família tenham sido os 1^{os} moradores que ali se estabeleceram e fizeram história. Os anteriores, possivelmente moraram provisoriamente enquanto exploravam madeira e ouro, retirando-se assim que o negócio se tornava desinteressante.

Segundo os descendentes de Roberto, este veio de Biguaçu e adquiriu cinco lotes de terras de Mathias Spengler, dois lotes de Helmuth Gebien e de outros. Juntamente com dois ajudantes negros, preparou moradia com casa espaçosa, com sótão e coberta com telhas. Quando a moradia estava pronta veio a família. A viagem durou três dias. Os animais vieram andando, as crianças e os pertences, na carroça e os adultos montados nos cavalos.

Entre 1915 e 1920, ocorreu este povoamento que tem ligações estreitas com os moradores de Ribeirão Saltinho, Cananéia e Baú (no município de Ilhota).

Belchior Baixo, Ribeirão Saltinho e Belchior Central

As terras ribeirinhas de Belchior Baixo já eram ocupadas no início do século XIX por pessoas vindas do litoral. Gente de descendência açoriana e que inicialmente exploravam madeira leve para embarcações e outros tipos exportados em grande quantidade. Além da exploração de madeira, alguma agricultura de subsistência começou a aparecer. Com a instalação de uma companhia de soldados em 1837, formada por uns vinte homens, estabelecidos no Arraial do Belchior (atual Bela Vista Country Club), a permanência de famílias colonizadoras tornou-se possível, tendo em vista que anteriormente, a presença dos índios os amedrontava.

Mesmo antes de 1840 famílias alemãs estabelecidas em São Pedro de Alcântara passaram a viver na região de Belchior Baixo. Ocupavam terras da Margem Direita e adquiriram propriedades também na Margem Esquerda do Rio. Esse fluxo de colonos vindos de São Pedro de Alcântara, Angellina, Biguaçu e Sto Amaro da Imperatriz aconteceu até a década de 1920.

As famílias mais antigas do lugar consideravam-se brasileiras. Era gente simples. As mulheres não costumavam trabalhar na lavoura. Cuidavam da casa, fiavam, teciam, costuravam, faziam acolchoados, criavam muitos tipos de animais domésticos. Cultivavam pomares e hortas.

Preparavam geléias, beijus, cuscus, rosca de polvilho. No cardápio diário, o feijão, a farinha, a carne defumada ou o bacalhau seco, adquirido das baleeiras que subiam o rio vendendo e comprando mercadorias.

Era costume, na época da farinhaada as "sinhas", apelido carinhoso de senhora, levavam às vizinhas os beijus torradinhas e o boião com melado fresquinho.

Era uma população animada. Pedro Dias dos Anjos, caboclo risão, promovia danças e cantoria na vizinhança. Todos participavam ativamente dos cantos de Boi-de-mamão. Gostavam de cantar e rezar ladainhas e terços religiosos. Sempre com

entonação forte e afinada, permanecendo como característica deste povo até os dias de hoje, durante os cultos na Capela Sta Catarina.

As terras planas, até a década de 1930, eram pouco aproveitadas. Constituíam lagoas e brejos povoados por jacarés. Nos morros plantava-se o café, o fumo que era vendido em jacás ou em forma de charutos fabricados artesanalmente e exportados para outros países, a cana e a mandioca para a fabricação do açúcar mascavo, da aguardente e da farinha. As famílias plantavam outros produtos para o consumo familiar. O algodão para fios tecer, pavios de lamparinas e acolchoados, o amendoim, a araruta, as batatas, milho, etc.

A caça e a pesca eram praticadas por quase todos os moradores.

Polydoro Dias de Moura, descendente dos Dias de Arzão que chegaram às terras do Itajaí no século XVII, era líder político e comerciante, no lugar do Porto entre o Arraial do Belchior e as terras da Margem Esquerda. Esta casa de comércio foi herdada por seu filho Francisco e depois pelo neto Vidal Flávio Dias. Foi o ponto comercial de grande importância para o lugar, desde os anos 1880 até a década de 1960, quando a família Dias passou a dedicar-se mais na comercialização da aguardente.

As estradas de ligação de Belchior com Blumenau e Gaspar pela Margem Esquerda, foram construídas a partir da década de 1940. Diante deste fato, todo o transporte e comunicação entre Belchior e as cidades vizinhas passava obrigatoriamente pelas balsas que atravessavam o rio na altura do Clube Bela Vista. Era um lugar movimentado chegando a acumular várias dezenas de carroças, pedestres e outros veículos que pacientemente aguardavam por sua vez de passar para a outra margem do rio.

Este Porto foi movimentado com o comércio de madeira, açúcar, aguardente, farinha etc.

Com a chegada das primeiras famílias alemãs, houve bom entrosamento e colaboração com o povo do lugar. Os Dias, Correia, da Rocha, Rodrigues, Jacinto, Trindade, Raimundo, Venâncio, Borba, Dias dos Anjos, Cardoso e tantos outros passaram a conviver com os alemães Wagner, Lucas, Deschamps, Zimmermann, Müller, Schramm, Reinert, Josiger, Imthurn, Trierwailler, Waldrich, Lungen e tantas outras de origem alemã que vieram de São Pedro de Alcântara, Biguaçu ou da Colônia do Dr. Blumenau. Com tantos alemães, surgiram desavenças entre os antigos moradores e os novos que muitas vezes eram muito exigentes, rígidos em seu modo de pensar, e preconceituosos.

Os brasileiros, que eram a maioria, persistiram até haver o entrosamento desejado.

As terras de Belchior Central foram requeridas pelo Cel. José Henrique Flores que explorava madeira em vários pontos do atual território Gasparense. Segundo pesquisa de Gelásio Hames em 1986, José André Soares adquiriu as terras abaixo do salto onde pretendia organizar fazenda produtora de café, passando a residir em Belchior Central, nos fundos do atual Supermercado. Teve vasta descendência e com mão-de-obra escrava construiu barragem e serraria na região da atual entrada para Cananéia. Outras fontes, dão conta de que as terras de José André Soares limitavam-se ao Norte, com o Salto, ao sul com Augusto Deschamps (atual Rua José Antônio Soares) e para o Leste chegava até o Baú e Luiz Alves. Com o passar dos anos, foram vendidas em partes.

Em 1900, Antônio Lisboa, professor de Itajaí, passou a lecionar na casa de João Raimundo Correia (atual Antônio de Oliveira). Era aula particular.

Nesta mesma época, o alemão Siegel estabeleceu-se com casa comercial e Clube de caça e tiro no atual trevo entre Belchior e Fortaleza.

Já em 1920 transferiu-se a igreja evangélica da região do Morro Serafim para Belchior Central atrás da atual Escola Estadual de Belchior, onde organizou-se também cemitério. Muitos eram os alemães evangélicos estabelecidos em Fortaleza,

Cananéia e Belchior. Entretanto, na década de 1950, esta Igreja foi transferida para Itoupava Alta, tendo em vista que os evangélicos de Cananéia frequentavam a Comunidade Evangélica de Luiz Alves.

A colonização das terras de Cananéia aconteceu a partir de 1900 com a vinda de Nicolau Haskel e Mathias Junkes, seguidos por outros biguanos que procuravam terras mais férteis e onde houvesse menos geadas. Foram eles: Antônio Guesser, Antônio Reinert, João Primm, Andréas Schmitt e outros.

Henrique Mette, também no início do século, adquiriu 3.000 metros de frente, beirando o riacho Cananéia, com 1.400 metros de fundos. Esta propriedade começava na atual cancha Reinert e terminava na virada do morro (atual escola).

Nesta ocasião, sobre o terreno, havia madeira-de-lei que grande parte apodrecou no próprio local, por falta de caminhos e de serrarias. A princípio trabalhavam com porcos, mantéiga, ovos, milho.

A partir de 1918 expandiram o produção de açúcar e cachaça fomecida à filial da firma Schmalz em Fortaleza.

As picadas que ligavam Arraial Alto ao Belchior eram intransitáveis. Usava-se cavalos ensilhados com serões ou carroças puxadas por quatro cavalos a fim de transportar as barricas de açúcar nas estradas sombrias e alagadas dos trechos mais baixos. Os porcos eram transportados por tropas a pé.

A primeira escola de Cananéia era no pé do morro, próxima ao encruzo para Ribeirão Saltinho.

Belchior Alto e Carolina

Reprodução da Pesquisa de Gelásio Hammes (1986).

Histórico de Belchior.

Acima do referido salto, a que hoje chamamos de Belchior Alto, por situar-se mais elevado, teve como primeiro colonizador o Sr. Antônio Bernardo Haendchen. Este, por sua vez, não teve o objetivo de desenvolver uma cultura específica; apenas a exploração da madeira e a cultura de subsistência.

A aquisição desta terra foi feita do Sr. Nicolau Malburg e Dona Catarina Malburg no ano de 1885, da Freguesia de São Pedro, município de Blumenau, sendo 500 braças de terras de frente, com duas mil e quinhentas e um terço (2500 1/3) de braças de fundo, sito no lugar Salto Belchior, fazendo frente em terras de José André Soares e fundos com terras devolutas, extremando pela parte leste com terras de Adão Schmitt e oeste com terras devolutas.

Mais tarde, estas terras foram subdivididas com seu irmão João Bernardo Haendchen e seus dois cunhados; Estevão Menschein e Júlio Koser.

Com o passar dos anos, aproximadamente em 1890, houve imigração de Biguaçu e São Pedro de Alcântara.

Naquela época, já começavam a se destacar famílias; Jansen, Stein, Oechsler, Schmitt, Zoz, Klock, Zimmermann, Gesser, Ulrich, Krause, Kramer, Bugmann, Theiss, Schmitz e Tillmann.

Os primeiros colonos que aqui se estabeleceram, apesar da dificuldade que passaram, eram pessoas de muita fibra e imenso amor na dedicação à terra.

Um colono para pagar sua terra, trabalhava por vinte anos, lavrando as encostas dos morros ou derrubando, manualmente, as pesadas madeiras nativas. O trabalho começava de madrugada e só se retomava ao lar quando já era escuro.

Conta-se que às 3 horas da madrugada era hora de se levantar e tratar os bois para ir ao mato puxar toras ou cortar cana para o engenho.

Muitos dos imigrantes que aqui chegaram, traziam consigo apenas a carne seca, a farinha e, é óbvio, a coragem e a vontade de vencer. Buscava-se a família depois de aberta uma clareira no mato e improvisada uma tenda.

Apesar destas e outras dificuldades a região se desenvolveu a custo de muito trabalho.

A madeira de 1ª qualidade era exportada. O transporte era feito através de baleeira até o rio Itajai-açu, ou mais precisamente, na altura da atual igreja de Belchior Baixo.

O leitor certamente perguntaria de que maneira estas toras eram transportadas do mato até o ribeirão Belchior e de lá até o rio Itajai-açu, se este ribeirão não continha água suficiente?

O fato é o seguinte: A madeira era puxada por 4 juntas de bois até as margens do ribeirão Belchior, abaixo do salto. Mais tarde, surgiu o carretão, também puxado por animais. Em cima do salto, foi construída uma represa e soltava-se a água de uma só vez para que a madeira boiasse. Se necessário repetia-se a operação.

Cumprir deixar registrado que havia uma lei municipal que obrigava os moradores das margens e arredores do ribeirão Belchior, a liberar, por sua conta, o leito do ribeirão, dos entulhos causados pelas enchentes para facilitar o trânsito das madeiras até o rio Itajai-açu.

Entre as principais culturas se destacavam a cana-de-açúcar para produzir o açúcar escuro e a cachaça. Havia vários estabelecimentos produtores mas, nenhum deles com registro de quantidades produzidas e comercializadas.

A produção era vendida e transportada de carroça, puxada por 4 cavaleiros até Blumenau:

Destacavam-se ainda, a farinha de mandioca, o milho e mais tarde introduziu-se o gado leiteiro e o "vacum" para a produção comercial.

Como Blumenau era uma colônia bastante desenvolvida, o intercâmbio comercial se acentuou bastante, fazendo-se a ligação terrestre até aquela colônia para venda do excedente da produção e compra de outros artigos necessitados da região. Surge dali, a forte ligação comercial e cultural com a cidade de Blumenau, que persiste até os dias atuais.

A ligação à sede do município se deu pela balsa na altura da atual igreja de Belchior Baixo.

Belchior também teve grande apoio espiritual e cultural dos frades franciscanos do convento Santo Antônio de Blumenau.

O 1º templo foi iniciado em 1897. O terreno foi doado por Antônio Bernardo Haendchen numa área de 19.360m². Destruído por um incêndio, construiu-se o 2º templo, desta vez de alvenaria. O lançamento da pedra fundamental se deu em 1923.

O projeto de ambos os templos fora projetado por Geraldo Venhost.

Este último, tornando-se pequeno devido ao crescimento da comunidade, foi substituído por outro de alvenaria em 1971.

Esta obra, moderna e arrojada, foi totalmente paga com recursos e ajuda da própria comunidade.

Cumprir deixar registrado o espírito comunitário e a dedicação do Sr. André Schmitt, como presidente de construção do 2º templo e igualmente seu filho o Sr. Laurentino Schmitt, como presidente da construção da atual igreja.

Que a descendência posterior saiba, quão valerosa contribuição, estas e outras pessoas desta comunidade, deram para a edificação e elevação de Belchior.

Com a influência dos frades franciscanos de Blumenau, foi contratado para lecionar, o irmão franciscano Geraldo Venhorst, surgindo então, em 1900 a escola paroquial, mantida pelos próprios colonos.

Para podermos mentalizar a sua localização, ela achava-se edificada defronte a atual igreja em Belchior Alto.

Para que o referido professor viesse a lecionar, escolheu-se, a seu gosto, um terreno para fixar residência. A educação consistia em aulas da língua alemã e um pouco da língua portuguesa, porque os pais dos alunos assim o queriam.

O pagamento ao referido professor era feito através de doações das colheitas dos colonos. As vezes a própria comunidade lavrava e cultivava as plantações do professor.

O Sr. Geraldo Venhorst deixou de lecionar em 1929. Sucedeu-o seu filho o Sr. Antonio Francisco Venhost, de 1930 até 1934.

Pela resolução nº 7 de 19 de março de 1934, criou-se a escola municipal, sendo nomeado o professor Sr. Arlindo Zimmermann, pela resolução nº 8 do mesmo dia. O Sr. Arlindo Zimmermann, lecionava na localidade de Cananéia e foi atraído carinhosamente pela comunidade de Belchior Alto, dada a sua maneira simpática de lecionar.

Para reforçar o ensino e a catequese cristã desta comunidade, chegaram em 1945 as irmãs catequistas franciscanas, prestando até os dias atuais, grande contribuição a esta comunidade.

Preocupados com o bem estar de toda a comunidade, construiu-se, em 1949, o salão paroquial. Dissemos salão paroquial porque a comunidade o construiu e está ligado à igreja católica.

O objetivo dessa construção era centralizar as atividades culturais; utilização comunitária e, inclusive, palco para a formação moral e cívica de Belchior.

O primeiro comércio de que se tem notícias pertenceu ao Sr. Franz Bugmann, que comercializava bebidas, pães e outros. Uma curiosidade no comércio daquela época era que a farinha de trigo só existia na Páscoa e no Natal.

A primeira indústria, se assim podemos chamar, foi a de fecularia, instalada por Adriano Kormann e mais tarde adquirida por Sociedade Schmitz e irmãos, para beneficiamento de arroz. Esta sociedade instalou armazém secos e molhados e a fabricação da Cachaça Sol Nascente.

Outra conquista foi a energia elétrica. Em 1942, o Sr. Rudolfo Augusto Schmitz, instalou junto ao beneficiamento de arroz, um gerador de corrente contínua, aproveitando a água do salto Belchior.

Mais tarde, também o Sr. Carlos Mannrich, instalou um gerador e passou a fornecer energia elétrica à comunidade.

Dentro desse clima de participação e ajuda mútua, fundou-se em 1960, a sociedade Cultural de Caça e Tiro Harmonia, com o objetivo de preservar as tradições de nossa gente. Existiam, é claro, antes de 1960, várias outras sociedades mas, atualmente, esta prevalece.

O interessante é observar como a comunidade de Belchior sentia que deveria crescer, não lhes faltando a coragem, o trabalho e a dedicação para com esta terra. Cada um ajudou com recursos próprios a construir um pedaço de nossa história.

Como Belchior não teve apoio e incentivos ao colono, o seu desenvolvimento foi lento, e um tanto difícil. O próprio colono não tinha como estabelecer-se e ampliar as condições de renda; apoio material e muito menos orientação para o desenvolvimento de suas potencialidades. Faltaram obras públicas: vias de comunicação, para o atendimento do bem estar social e escoamento da produção interna ao mercado nacional.

Atualmente a comunidade continua se esforçando para desenvolver a região, embora muitos busquem, nas indústrias de Gaspar e principalmente de Blumenau, a sua independência econômica.

Apoio:

Açougue Gaertner Ltda.
Amandio Spengler & Cia Ltda - Brahma
Argus Vídeo Ltda.
Bebidas Gaspar Ltda. - Antarctica
Café Beduschi Ltda. - Desde 1911
Cartório Santos - Gaspar
Cine Foto Mary
Dietrich Materiais de Construção
Elétro Técnica Scheidt Ltda.
Escritório Fonte Contábil
Farmácia São Pedro
Instaladora Gasparense Ltda.
Livraria e Bazar Silva Ltda.
Madeira Bornhausen Ltda.
Organização Contábil Gaspar S/C Ltda.
Paca Empreendimentos Imobiliários Ltda.
Padaria e Confeitaria Pão de Mel Ltda.
Posto Zimmermann Ltda.
Raul'S Hotel Ltda.
Relojoaria e Ótica Ernesto Ltda.
Relojoaria e Ótica Onix
Transportes Paulo Wehmuth Ltda.

Organização:

Resgate Empreendimentos Culturais
Rodovia Ivo Silveira, 620
Gaspar - S.C. - CEP - 89110

Edição:

Nova Letra Editoração Eletrônica Ltda.
Rua 7 de Setembro, 1574 sala 44 - Fone: 26-0600
Blumenau - S.C. - CEP - 89010